

APRESENTAÇÃO DA ENFERMEIRA PAULISTA (*)

Dra. Glete de Alcantara (**)

Foi para mim grande honra ter sido escolhida pela Diretoria da ABEn, Secção de São Paulo, para saudar a educadora Maria Rosa Sousa Pinheiro, nesta sessão solene em que lhe é conferido o "Prêmio Enfermeira Paulista", instituída pelo Governo do Estado de São Paulo, e do qual é a primeira detentora. É com grande satisfação que venho aqui prestar depoimento sobre Maria Rosa Sousa Pinheiro, minha velha e querida amiga.

Eu a conheci em nossa juventude já distante, quando alunas da Escola Normal da Praça da República. Não fomos colegas de classe; Maria Rosa estava um ano mais adiantada. Naquêles tempos ela era para mim apenas a irmã de Irma Pinheiro, minha companheira de turma. Nossa convivência começou quando ingressamos no curso de Educadoras Sanitárias, do antigo Instituto de Higiene, posteriormente Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

Trabalhamos alguns anos juntas no Serviço de Higiene Escolar, da Secretaria de Saúde Pública e Assistência Social. Depois Maria Rosa afastou-se para cursar a Seção de Letras Estrangeiras, da então recém-criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, onde em 1937 obteve o grau de Bacharel.

Com a nova formação adquirida Maria Rosa poderia ter abandonado o campo da saúde e se dedicado ao magistério secundário. Mas, não. Em 1939 retornou à Faculdade de Higiene para ocupar o cargo de Educadora Chefe. Considero essa opção pela área da saúde o momento decisivo na vida de Maria Rosa, o ponto de partida de sua brilhante carreira profissional.

(*) Apresentado à sessão de instalação da Semana de Enfermagem realizada em 12 de maio pela Associação Brasileira de Enfermagem, Seção de São Paulo.

(**) Diretora da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo.

Embora vivêssemos na mesma cidade, por um período de quase 6 anos pouco contato mantivemos. Foram os planos iniciais para a criação de uma escola de enfermagem na Universidade de São Paulo que favoreceram nossa reaproximação, em 1940. Nesse ano veio a São Paulo a chefe da Secção de Enfermagem da Fundação Rockefeller, Miss Elisabeth Tennant, a fim de dar início a gestões para a criação de uma escola de enfermagem em São Paulo, em cumprimento de uma das cláusulas de convênio firmado em 1925 entre o Govêrno do Estado e a Fundação Rockefeller, quando esta última contribuiu financeiramente para a construção e equipamento da Faculdade de Medicina.

Foram positivos os resultados das gestões de Miss Tennant. Um dos primeiros passos para a organização da nova escola foi o plano para a preparação de seu corpo docente. A Fundação Rockefeller se propôs a conceder bolsas de estudos a educadoras sanitárias para adquirirem formação em enfermagem, no exterior. Na relação de candidatas selecionadas para estudarem no estrangeiro, figurava naturalmente o nome de Maria Rosa. Figuravam também os nomes de Zilda Carvalho e Lúcia Jardim que trabalhavam na Faculdade de Higiene. Por sugestão de Maria Rosa, o meu nome foi incluído na lista. Igualmente ficou decidido que Maria Rosa e Zilda iniciassem o curso de Enfermagem na Universidade de Toronto, no Canadá, em 1940 e que Lúcia Jardim e eu partíssemos no ano seguinte.

Toronto, cidade nórdica, às margens do lago Ontário, de arquitetura austera e inverno interminável, com uma população cujos padrões culturais eram tão diversos dos nossos, não era certamente uma cidade cheia de encantos. Pelo contrário. Os anos que lá passei teriam sido realmente difíceis, não fôra a presença luminosa de Maria Rosa Sousa Pinheiro. Ela tornou-se a legítima líder de pequeno grupo de brasileiras de São Paulo, acrescido de Haydeé Guanais Dourado, que realizava estudos de pós-graduação na mesma Universidade.

Fôra tão natural que Maria Rosa liderasse o pequeno grupo! Nenhuma de nós reunia tão grande número de quali

dades. Tôdas reconheciam sua inteligência brilhante, seu alto senso de justiça e responsabilidade, sua enorme capacidade de trabalho, seu desprendimento e, sobretudo, sua extraordinária bondade. Mesmo seu autoritarismo, contra o qual insurgíamos algumas vêzes, acabava sendo relevado.

Tantas e tão altas qualidades a predestinavam para o papel que veio a desempenhar no cenário da enfermagem nacional e internacional.

Ao regressar a São Paulo, em 1944, ocupou o cargo de Vice-Diretora da Escola de Enfermagem de São Paulo, sob a direção de Edith de Magalhães Fraenkel. Quatro anos mais tarde, contemplada com uma bolsa do Instituto de Assuntos Interamericanos, seguiu para os Estados Unidos, para efetuar o curso pós-graduado em Administração de Escolas de Enfermagem, no Teachers College, Universidade da Columbia, onde obteve o Mestrado, em 1948.

Depois de três anos de atividades docentes e administrativas na Escola de Enfermagem de São Paulo, foi convidada para chefiar a Divisão de Enfermagem do Serviço Especial de Saúde Pública, (SESP), no Rio de Janeiro. Suas atividades no SESP deram-lhe ensejo para alargar sua visão sobre os problemas de saúde do País, de um modo geral e, particularmente, sobre os problemas específicos do setor enfermagem.

Com a aposentadoria de Edith de Magalhães Fraenkel, em 1955, voltou para São Paulo, assumindo a direção da Escola de Enfermagem de São Paulo, posição que ocupa até o presente.

Apesar da distância física que nos separava, durante os anos que viveu no Rio de Janeiro, nossa convivência não foi interrompida. Além de nossa grande amizade, outro elo nos ligava ainda mais: a Associação Brasileira de Enfermagem (ABEN). Sua percepção de alto significado de uma associação de classe, como instrumento relevante para o desenvolvimento profissional, levou-a, desde os primeiros anos de atividade no campo da enfermagem, a colocar sua inteligência e esforços a serviço da Associação.

A reestruturação da ABEn em 1945 imprimiu ritmo mais intenso ao movimento associativo. Dois anos depois realizou-se em São Paulo o 1º Congresso Brasileiro de Enfermagem, do qual Maria Rosa participou ativamente nos trabalhos preparatórios. Não deviam ter sido pequenas suas preocupações sobre os resultados desse conclave. Tais preocupações ela as expressou claramente, oito anos mais tarde, em seu primeiro discurso como presidente da ABEn, na abertura do VIII Congresso de Enfermagem, com as seguintes palavras: "Não vai muito longe o dia em que, em São Paulo nos encontramos pela primeira vez. Lembro-me tão bem da insegurança da Comissão Organizadora sobre o êxito do empreendimento".

Presidente da Associação Brasileira de Enfermagem no período de 1954 a 1958, sua gestão caracterizou-se pela fecundidade dos trabalhos realizados. Durante os quatro anos de presidência empenhou-se na busca de soluções para os inúmeros e complexos problemas enfrentados pela profissão; problemas relacionados sobretudo com a formação do pessoal de enfermagem e com a legislação de ensino e de exercício profissional.

Mais do que qualquer outra presidente, até então, percebeu a necessidade de um planejamento para o setor enfermagem. Porém, planejamento exigia dados objetivos e estes não existiam "Se pudessemos obter tais dados", dizia ela, "não só teríamos as bases para o nosso plano, como também argumento para discutir com os legisladores, os governantes, as pessoas autorizadas e as próprias enfermeiras". Com recursos financeiros e técnicos obtidos de organizações internacionais e nacionais foi levado a cabo o Levantamento de Recursos e Necessidades de Enfermagem do Brasil, no período de 1956 a 1958, o primeiro trabalho exaustivo de investigação no campo da enfermagem realizado em nosso País. Com os resultados obtidos pelo Levantamento, um conjunto de recomendações foi elaborado. Verdadeiro plano de ação para melhorar a situação existente.

Analisando os serviços que Maria Rosa Pinheiro prestou e vem prestando à enfermagem brasileira, não consigo dis

tinguir, dentre os campos em que repartiu suas atividades, qual dêles recebeu sua maior contribuição: Educação ou Administração? Creio estar certa dizendo que para ela nunca houve tal separação, porquanto suas atividades, quer administrativas quer didáticas, giraram sempre em tórno de um ponto central: a enfermagem.

À causa de enfermagem, profissão ainda nova entre nós, se comparada com as profissões tradicionais que gozam de imenso prestígio social, Maria Rosa Pinheiro tem servido com sua lúcida inteligência e com as extraordinárias qualidades que possui. Suas discussões, aulas, conferências, estudos, trabalhos e relatórios refletem os dotes de seu espírito. Ela tem, antes de tudo, o dom essencial de expressar seu pensamento em sequência lógica e a arte soberana de ir direto ao essencial e não se perder em divagações. Essa rara capacidade, aliada à sua competência profissional e à sua inesgotável capacidade de trabalho, explica a confiança e respeito que conquistou em tódã parte e a projeção que alcançou no cenário da enfermagem nacional e internacional e nos meios universitários. E é por isso que tem sido frequêntemente chamada pelos setores especializados dos governos federal e estadual, pela Organização Mundial de Saúde, pela Universidade de São Paulo para elaborar estudos, para participar de seminários e para integrar comissões e grupos de trabalho. Extensa é a relação de seus trabalhos para ser apresentada neste momento.

Por sua atitude perante o trabalho, Maria Rosa Pinheiro inclui-se naquele diminuto grupo de profissionais e de intelectuais que, segundo o sociólogo americano Wright Mills, ainda consideram o trabalho como artezania. E por artezania refere-se êle à atitude pela qual o trabalho é, em si, fonte de prazer, preenchendo a existência do indivíduo, sendo secundária as retribuições monetárias ou outras fontes de prestígio. E para Wright Mills a ética artesanal está se tornando cada vez mais rara nos tempos atuais.

Sem disputar consagrações, Maria Rosa Pinheiro as tem recebido, aqui e no estrangeiro. No ano passado recebeu o

"Prêmio de Realização no Campo da Educação", concedido pela Associação de Ex-Alunos da Divisão de Enfermagem de Teacher's College, Universidade da Columbia, Estados Unidos e hoje, nesta sessão, recebe o "Prêmio Enfermeira Paulista", que lhe atribue o consenso unânime das enfermeiras de São Paulo.

ALCANTARA, G. de - Apresentação
de enfermeira paulista. Rev. da
Esc. de Enf. da USP, 4 (1-2)
125-130, mar-set., 1970.